

Roseli Sousa



ave noturna
um vôo sobre o abismo

Reg. n.º 0770/05

15/07/05

CDU 22.1 (255.5)

5719



ave noturna

um vôo sobre o abismo

Copyright (C), 1999 by Roseli Sousa
Capa e fotografias: Luís Miranda

S719

Sousa, Roseli

Ave Noturna / Roseli Sousa

Belém: Graphitte Editores, 1999

78p. il.

1 - Literatura Paraense. 2. Poesia
Paraense. I. Título

C.D.U.: 82-1 (811.5)

Livro Premiado (e não publicado) no Edital de Arte/91
promovido pela Fundação Cultural Tancredo Neves/SECULT.

ROSELI SOUSA

ave noturna
um vôo sobre o abismo

Belém - Pará
- 1999 -

“O homem é uma corda estendida entre o animal e o além-homem – uma corda sobre o abismo.

É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar.

O que há de grande, no homem, é ser ponte e não meta: o que pode amar-se, no homem é ser uma transição e um ocaso”.

Friedrich Wilhelm Nietzsche
Assim Falou Zaratustra

Por assim voar...

Um livro só se escreve com o tempo. E se escreve com sussurros, com olhares e com alquimia.

Um livro se escreve como quem canta, como quem ouve os silêncios da Mãe-Terra, como quem cria imagens e tem um orgasmo. Um livro se escreve como quem comete pecado e não sente culpa. Se liberta.

Um livro só existe depois do primeiro sopro. Um livro transpira e sua. Um livro escorre pelas mãos, por entre os dedos. Um livro pode nem precisar de apresentação. Ele pode se dizer.

Um livro pode ter asas, pode aprender a voar e fazer pousos. Um livro pode fazer dormir ou acordar o mundo.

Um livro pode até não se escrever.

a autora

VÔOS

Primeiro vôo:

Sina

Segundo vôo:

Meninas e Meninos

Terceiro vôo:

Corpo

Quarto vôo:

Procura

Quinto vôo:

Rastros

Sexto vôo:

Pouso



SINA

Me adestro no silêncio dessa máquina arrastando minha ansiedade. A música dessas teclas me doma. Ainda tenho uma cerveja e a bebo nessa tarde. Acalmo-me e digiro esse silêncio. Os poetas são como ponto em seguida, encantamento de lua cheia. Meia hora e mais meia, quase inteira de palavras.

Existo
para que tua poesia
exista
indecifrável mistério
tão perto
desse agora
que não existe

os abutres
erguem notas sobre os
edifícios

os minutos
embriagam meu
pensamento

componho o inesperado
com a música dos carros
num conflito urbano
e solitário

teu inferno
é meu paraíso

sou realidade
negando o sonho

apocalíptica

não tenho número
... mas fico à
espreita

ergo uma c $\begin{matrix} r \\ z \end{matrix}$ u

despejo o pensamento
satiricamente

a morte ronda a cidade

volto pela mesma estrada
onde já conheço
os transeuntes

pássaros da minha sina

não há lenda neste poema

eu te confundo para perceberes
que o dia existe

eu sou o sábado
arrastando o tédio
e tecendo luz

olhos de abutres
fincam do alto

pedra preciosa sem nome
executando o tempo

que nos separa
dos anjos

a noite
é a imensidão da minha dúvida

não me venha
adormecer
o poema

há janelas noturnas
que piscam

como apagar esse instante
que já existe
mas ainda não se acendeu



MENINAS E MENINOS

Um alquimista atravessa minha sala e eu nem me desespero. Ele vai se deparar com um violão de cordas trocadas. Guarneço meus pensamentos com as imagens do açcaizal que me contempla pela janela, quase nos enamoramos. Abano-me e o calor insuportável me aligeira, agito a lata de cerveja e vejo que a florzinha não cabe no poema.

Imagino

menino que quase conheço
em canções de vida e morte
no silêncio das flores
ritmo gráfico
sorrindo
nas estrelas das horas
nas sombras visitantes

a menina de vestes floridas
vestiu tuas imagens
e foi brincar de ciranda
na ritmia dos cri, cri, cris....

para Quintana

os meninos insatisfeitos
desejam os olhos da fera

amor na noite

no Bar do Parque
há uma sombra inquieta
nas horas
das ampulhetas
da vida inteira

o menino
brinca
com minhas sombras

derruba estrelas
e
redige pensamentos
de vez em vez

com os sonhos mancha
tudo de azul

e com os dedos dos pés
tece poesia

para Arthur Pinheiro

a mão da menina índia
retarda a morte
 vertente do Rio Negro
pássaros sem asas
 nessa espera
 noite
 ritmo mortífero

aprendi a tecer sorrisos
em girassóis
como quem tece tranças
em cabelos escassos

aprendi a construir quadrados
lendo da garupa da bicicleta
as quadras
entre casas e casas

aprendi a mergulhar
em pupilas
como quem no escuro
procura a luz

nele encontrei sorrisos, girassóis
bicicletas, pupilas
e Priscilas

para Priscila

um anjo malvado
me assusta
com o barulhar das estrelas
ao atirar-se às fadas
das águas do chafariz
Seu corpo sagrado
rodopia, rodopia...
Que anjo é esse
que parece tão inocente
com suas garras afiadas
e suas manhas?
Ele não sabe que hoje é sábado
ele não deve ser herói
Que anjo é esse
que anoitece mal-querer
a brincar descalço
sobre as brasas das palavras?
Mas que anjo é esse
tão inocente
a banhar seus sonhos
nas águas do chafariz?
Levanta tuas asas ainda molhadas
e estende-as na grama
com teu olhar afiado
me arranha



em cada girassol
alinhado ao infinito
existe
um Van Gogh
adormecido e louco
a rebelar-se
num vôo colorístico
e solitário
Seus olhos-pétalas
pincelam tardes
aprisionando o Sol
que o acompanha
e o abandona

um menino do mato
sobrevoa histórias
em um livro desgastado
paginando esperanças

para Ailton Fernando



CORPO

Um tirano roubou minhas teclas. Abalo o poema numa tempestade na lata de cerveja. Todos meus sentidos estão apurados e ouço longe alguém tocar uma música à barlavento. Com colheres em pratos ou prantos? Nunca saberei. Talvez minhas iscas-palavras fisguem algumas luzes nesse emaranhado de solidão. Ouço vozes que se entrelaçam em minhas pálpebras suadas, enquanto um anjo adormece em meus seios. Nino suas aventuras e arremesso minhas ansiedades a amedrontar seus vôos.

A solidão
enamora meu sentimento

o sol demora
em sua busca
vem com a tua

m
e
i
parte

eu sou
te sendo

o meu corpo
é inteiro

a minha meia parte
é indecisão

sou meu próprio
cárcere
morte sufocando
os segundos

restos de poesia

papéis amassados

SOLTOS

pelo quarto

te descrevo
um futuro infundado

sou teu pesadelo

penso em tê-lo

a liberdade
rumou o grito no meu corpo

lirismo
bolando em turbulência

a liberdade
é manhã que fere o tempo

neste momento
meu pensamento
pousa lentamente no teu sexo

um sonho
ateado na língua
se desfaz
no ócio
e no cio de mel
que suave
revela os lábios seus

vem que eu te entrego
o meu meio corpo
em um só
momento

e esse amor
eu quero
inesperadamente
é louco, ávido, lúcido
meus desejos teus
embora o lirismo seja belo
a imagem do beijo
é viver a correnteza da busca
incessante vem as noites
a vaguear meu interior
poesia livre
- eu vidro pedra de cristal -
num querer de longínquas horas
te possuir seja infinito desejo



PROCURA

É difícil o fácil ócio de lidar com as palavras e quem poderá ensinar sobre os gritos das palmeiras ao vento, que ouço, numa distância que nem imagino de minha janela à frente de meu nariz?

Por enquanto, empino as idéias e rabio lentamente essas teclas que resguardam meus lábios, minha lábia e as dobradiças que rangem em silêncio.

Eu te quero enchente
a matar o pasto
a dor
a dor
a dor
a dor
é a música que ouço
agora
amor

esse fogo não se apaga
de pensamentos

eu sou o verbo
a face do tempo

ditando
o agora

eu sou o jamais

o homem
envenenou o ventre
da terra

todos ouviram o mar

ondas de tristezas
inférteis.

das conversas
que com a lua tive
escutei os segredos da noite
faces reveladas
de magia e canção
onde nós somos o tempo
- transformação -
caminhos de rios
Nas noites
olhos meus pousam sobre as janelas
enquanto
vagas-luas
acendem e apagam
minhas idéias.

não é possível acender palavras
quando não se tem pensamentos de fogo



RASTROS

Nem imaginaria que as palavras se desmanchariam por entre essas teclas. E ainda tenho um puxador de cortina que me roça os lábios. Nem vejo mais janela à fora. Meu nariz aponta caminhos fora do papel. E quando a noite vier, eu já estarei vindo de outra noite. Aí, ela pode me perseguir a vida inteira. Eu nem adormecerei.

eu não consigo fugir
desse poema
- uma procura -
um agora distante
entre mim e o amanhã
eu não consigo escapar
desse traço dolente
entre sóis e luas
riscando imagens de mim
poesia
numa dança de cores no papel em branco
sugerindo confusões de pensamentos

a minha timidez
pediu silêncio para a vizinhança

ainda não aprendi a ser
como a chuva....

a lua de prata
tinge o telhado

na fuga
você me pega
se você me pega
me assusta
me assusto
e eu vôo
por ai



POUSO

Me afogarei nessas teclas. Alguém precisa tocar nessa porta. Estou em pouso. Alguém precisa tirar-me desse labirinto a atirar-me no abismo que existe lá fora.

minha poesia
não tem rima
tem remo
é barco a naufragar
no tempo.

ave noturna
a manhã
não mais existe
a solidão
me lavou
o verbo

meu teto
é o sonho
que ergo

Roseli Sousa arranca palavras do meio da noite e é atravessada pelas manhãs e tardes. Carrega na bagagem várias publicações: a primeira, **Poesia e Realidade** (1990); a segunda, **Os Dragões que Passeiam em Minha Língua** (1993); a terceira, **O Livro da Malta** (1999) com Juraci Siqueira, Walber, Heliana, Edvandro, Onna Agaia e Benilton Cruz; ilustrou vários livros de autores paraenses; coordena projetos de arte da Semec e atua como arte-educadora na Seduc e UEPA.



AS ESTAÇÕES DA AVE

No Outono a conheci ainda implume em seu ninho de ânsias. Em seus olhos brilhantes e ávidos li promessas de infinitos vôos. No início pequenos vôos de borboleta com asas de sonhos presa aos limites de seu próprio jardim. Depois, durante o Inverno, enquanto exercitava sua porção cigana, acompanhei seu vôo de mariposa ziguezagueando dentro da noite em volta das palavras/lâmpadas. Foi quando descobriu que poesia e realidade são bagas da mesma vagem e os verbos cantar e existir, irmãos gêmeos. Pela Primavera, ave plena, cavalgou estrelas, domou dragões e descobriu-se maravilhosamente bruxa.

Agora é Verão. Com as asas prenhes de luz, a ave flecha de plumas lança-se em vôo razante sobre o abismo a nos guiar, com seu canto, na travessia da noite.

Antonio Juraci Siqueira